

O DIAGNÓSTICO DE INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS NA PERSPECTIVA DE UM GRUPO DE MULHERES

THAYNÁ DA FONSECA AGUIRRE¹; LETÍCIA BARBOSA DIAS²; JARBAS DA SILVA ZIANI³; NATALIA DA SILVA GOMES⁴; CAROLINA HELEONORA PILGER⁵; LISIE ALENDE PRATES⁶

¹Universidade Federal do Pampa – thaynaaguirre.aluno@unipampa.edu.br

²Universidade Federal do Pampa – leticiaadias.aluno@unipampa.edu.br

³Universidade Federal do Pampa – jarbasziani.aluno@unipampa.edu.br

⁴Universidade do Vale do Rio dos Sinos - nataliasilvag_@hotmail.com

⁵Universidade Federal de Santa Maria – carolinapilger@gmail.com

⁶Universidade Federal do Pampa – lisieprates@unipampa.edu.br

1. INTRODUÇÃO

As Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) podem ser causadas por vírus, bactérias ou outros microrganismos. Elas são transmitidas quando há contato sexual, sem uso de preservativos feminino ou masculino, com uma pessoa que esteja contaminada. As ISTs também podem ser transmitidas, embora de maneira menos comum, pelo contato com mucosas ou pele não íntegra com secreções corporais contaminadas (BRASIL, 2017). As ISTs podem se manifestar por meio de feridas, corrimentos e verrugas anogenitais. Também se manifestam a partir de dor pélvica, ardência ao urinar, lesões de pele e aumento de ínguas (BRASIL, 2019).

Alguns exemplos de ISTs envolvem a herpes genital, sífilis, gonorreia, tricomoníase, infecção pelo HIV, infecção pelo Papilomavírus Humano (HPV), hepatites virais B e C (BRASIL, 2019). De 2007 até junho de 2019, foram notificados 300.496 casos de infecção pelo HIV, 233.027 casos de hepatite B, 228.695 casos de hepatite C, relacionado às faixas etárias, observa-se que a maioria dos casos de infecção pelo HIV encontra-se na faixa de 20 a 34 anos (BRASIL, 2019). Em 2017, foram notificados, no Brasil, 49.013 casos de gestantes com a infecção, conferindo uma taxa de detecção de 17,2 por 1.000 nascidos vivos (BRASIL, 2018).

As mulheres são especialmente mais vulneráveis às ISTs por características biológicas, questões de gênero e sociais, que impõem a elas condições de submissão e inferioridade em relação aos homens, privando-as, inclusive, do poder de decisão acerca da atividade sexual com proteção. Muitas vezes, também observa-se nesse grupo aspectos como atividade sexual precoce, baixa escolaridade, baixa renda e dependência econômica masculina, especialmente nos países em desenvolvimento (MOURA et al, 2021). Considerando-se esses achados, o presente estudo teve como objetivo identificar os saberes de um grupo de mulheres sobre o diagnóstico de ISTs.

2. METODOLOGIA

Pesquisa qualitativa, de campo e descritiva, realizada no Centro de Referência para Saúde da Mulher em um município do Rio Grande do Sul, desenvolvida com um grupo de mulheres, entre os meses de novembro e dezembro de 2020. Os critérios de inclusão foram mulheres com no mínimo 12 anos de idade, não possuindo critérios de exclusão.

A pesquisa foi realizada com 11 mulheres, a partir de entrevista semiestruturada. Dentre as perguntas realizadas, perguntou-se às participantes: como a pessoa pode descobrir que tem uma infecção sexualmente transmissível?

Os dados foram submetidos à análise de conteúdo temática, a qual foi desenvolvida em três fases. Na primeira, ocorreu a organização dos materiais que seriam analisados a partir de leitura aprofundada, a fim de compreender os dados. Na segunda fase, os resultados obtidos foram separados, colocados em categorias conforme seus achados, explorando-se os resultados. Na terceira fase, ocorreu a interpretação a partir de referenciais da área.

Os preceitos da Resolução nº 466, de 2012, do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde, foram respeitados durante a totalidade do estudo. O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, em 10 de novembro de 2020, sendo registrado sob o número de parecer 4.390.633 e CAAE 39479720.0.0000.5323.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quanto à caracterização das mulheres, as idades das participantes variaram entre 21 a 43 anos. No que se refere à escolaridade, a maioria possuía o ensino médio incompleto. Quanto ao estado civil, a maior parte delas era solteira.

A partir dos dados analisados, pode-se verificar que oito mulheres referiram os testes rápidos como uma forma de diagnóstico das ISTs. Correlacionado a isso, Araújo et al. (2018), desenvolveram pesquisa com profissionais que executam os testes rápidos e reforçam os avanços da ciência relacionados ao diagnóstico e o tratamento das ISTs. Eles também mencionam a eficácia no tratamento da aids ao ofertar a testagem sorológica nos serviços de saúde. No entanto, ressaltam que o estigma associado às ISTs ainda encontra-se muito presente na população e que existe a necessidade de ações de educação em saúde voltadas para esse tema.

Em se tratando do aconselhamento desenvolvido na testagem para ISTs, estudo observou que a população feminina na faixa acima dos 40 anos não recebeu informações sobre a importância da testagem para HIV e sífilis. Eles também verificaram que a orientação para a testagem foi maior em mulheres do que em homens (PINTO et al., 2018), demonstrando, assim, a necessidade de também incluir o público masculino nessas ações.

Na sequência, quatro mulheres ressaltaram a importância de procurar as unidades básicas de saúde para realizar os testes rápidos e detectar as ISTs. A Atenção Básica é considerada a porta de entrada do Sistema Único de Saúde (SUS). Nesse espaço, o usuário tem a possibilidade de detectar, prevenir e controlar as ISTs de forma integral e resolutiva (ARAÚJO et al, 2018).

Por fim, uma participante referiu que a partir da sintomatologia, é possível detectar uma IST, seja por meio de lesões ou úlceras. Em contrapartida, identificou-se estudo com resultado distinto, no qual os participantes não reconheceram a úlcera genital, corrimento, linfadenopatia inguinal, dor/ardência ao urinar, coceira na genitália e dor abdominal como sinais e sintomas de IST. Considerando esses achados, reforça-se a importância de abordar essa sintomatologia de forma aprofundada com a população, visando o empoderamento, autocuidado, promoção de saúde e prevenção de agravos (CARVALHO et al., 2015).

4. CONCLUSÕES

Os achados permitem inferir que as mulheres reconhecem os testes rápidos como principal estratégia para o diagnóstico das ISTs nas unidades de saúde. A presença de sintomatologia também foi indicada como meio para detecção. No entanto, as participantes não souberam citar os testes com precisão, nem quais ISTs poderiam causar alterações na pele. Ressalta-se a importância da realização dos testes rápidos, mas também a realização de ações de educação em saúde, que permitam maior compreensão, autocuidado e prevenção desses agravos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. Ministério da Saúde. **O que são IST?** [Internet]. 2017. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/publico-geral/o-que-sao-ist>. Acesso em: 21 jul 2021.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST): o que são, quais são e como prevenir.** [Internet]. 2019. Disponível em: <https://antigo.saude.gov.br/saude-de-a-z/infeccoes-sexualmente-transmissiveis-ist>. Acesso em: 21 jul 2021.
- ARAÚJO W. J. et al. Perception of nurses who perform rapid tests in Health Centers. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 71, suppl. 1, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/jYMTwVH4MgXkV3R4n9grHcQ/?lang=en>. Acesso em: 21 jul 2021.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Boletim Epidemiológico de HIV/Aids 2019.** Brasília, 2019. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2019/boletim-epidemiologico-de-hivaids-2019>. Acesso em: 21 jul 2021.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Boletim Epidemiológico Sífilis 2018.** Brasília, 2018. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2018/boletim-epidemiologico-de-sifilis-2018>. Acesso em: 21 jul 2021.
- MOURA S. L. O. et al. Percepção de mulheres quanto à sua vulnerabilidade às Infecções Sexualmente Transmissíveis. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, v. 25, n. 1, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/MPPjTYjH8c6Nb4BwKRMmxdh/?lang=pt>. Acesso em: 21 jul 2021.
- PINTO V. M. et al. Fatores associados às infecções sexualmente transmissíveis: inquérito populacional no município de São Paulo, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 23, n. 7, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/wwgnzLKCKqD4pbtcJ4B76td/?lang=pt>. Acesso em: 21 jul 2021.